

**“O engenho não é só de seu proprietário.
Tem alguma coisa que pertence a todos nós”¹:
cana-de-açúcar, história e natureza na invenção do Cariri
cearense.**

Jane Semeão

Resumo

Na segunda metade do século XX, na cidade do Crato, membros da elite local empreenderam diversas ações com o objetivo de promover a cidade e a região do Cariri cearense. Destacamos, nesse sentido, o grande investimento na pesquisa e escrita da história realizadas, especialmente, por integrantes do Instituto Cultural do Cariri. Este artigo, portanto, analisa de que maneira as condições ambientais, associadas à Chapada do Araripe, foram apropriadas e inseridas nas narrativas históricas por agentes do ICC em seu projeto de escrita e valorização da história do Cariri e da região. A partir dessa coordenada, nossa pesquisa concentrou-se, especificamente, em trabalhos que, direta ou indiretamente, abordaram a temática da produção canavieira no Cariri. Nesse sentido, foram selecionados tanto textos que têm por temática central a plantação da gramínea, como é o caso de alguns trabalhos de José de Figueiredo Filho, quanto referências históricas em artigos de revista e livros sobre sua centralidade na economia e cultura caririense.

Palavras-Chave: Cariri cearense. História. Natureza. Cana-de-açúcar.

**“The device is not just its owner. There is something
that belongs to all of us”:** sugarcane, history and nature in
the invention of Cariri

¹ Frase tomada emprestada a FIGUEIREDO FILHO, 2010, p.40.

Abstract

In the second half of the 20th century, in the city of Crato, members of the elite undertook several actions with the objective of promoting the city and the region of Cariri. In this sense, we highlight the great investment in research and writing of history carried out, especially by members of the Instituto Cultural do Cariri. This article, therefore, analyzes how the environmental conditions associated with Chapada do Araripe were appropriated and inserted into historical narratives by ICC agents in their project of writing and valuing the history of Cariri and the region. Based on this coordinate, our research focused specifically on works that, directly or indirectly, addressed the issue of sugarcane production in Cariri. In this sense, both texts were selected that have the planting of grass as their central theme, as is the case of some works by José de Figueiredo Filho, as well as historical references in magazine articles and books about their centrality in the economy and culture of Cariri.

Keywords: Cariri cearense. History. Nature. Sugar cane.

Texto integral

Introdução

Na segunda metade do século XX, no sul cearense, especificamente na cidade do Crato, membros da elite local empreenderam diversas ações com o objetivo de promover a cidade e a região do Cariri cearense. Destacamos, nesse sentido, o grande investimento na pesquisa e escrita da história realizadas, especialmente, por integrantes do Instituto Cultural do Cariri (ICC). A agremiação, fundada em 1953 na cidade cratense², reuniu alguns dos nomes mais conhecidos da historiografia regional, responsáveis pela divulgação da história da cidade e região através de livros, artigos

² Além de pesquisadores da história da região, o ICC também teve como membros, por exemplo, padres, advogados, professores, comerciantes, proprietários de terra e políticos. Com as portas abertas ainda hoje, o Instituto, entretanto, teve seu apogeu entre os anos 1950 e 1970. Daqui em diante, a agremiação será referida apenas como ICC.

pulicados em revistas e jornais. Entre eles estão, especialmente: Irineu Pinheiro, José de Figueiredo Filho e Padre Antônio Gomes de Araújo.³

A preocupação com a construção de uma narrativa histórica sobre o passado caririense como atribuição da agremiação foi demarcada, inclusive, em seus estatutos, onde lemos que uma de suas principais finalidades seria o estudo, especialmente, da “História e Geografia Política do Cariri”.⁴ Da mesma forma, nas ações propostas por seus acadêmicos objetivando cumprir os fins destinados à instituição encontra-se, no Artigo 2º do Capítulo I de seus Estatutos, que ela manteria e promoveria:

- e) O culto, por meio de comemorações adequadas, dos feitos de nossa história, especialmente do Cariri;
- f) A restauração e a conservação de arquivos públicos e particulares, de símbolos e monumentos de qualquer natureza ligados à história existentes no Cariri e o estudo dos antigos usos, costumes e tradições regionais (Estatutos do Instituto Cultural do Cariri, Itaytera, 1955, p.181).

À História coube, pois, um lugar central no programa do ICC. Contribuiu para isso, certamente, o fato de seus principais idealizadores já desenvolverem pesquisas históricas sobre o Crato e a região, em especial Irineu Pinheiro e Padre Antônio Gomes de Araújo, bem como à função social que atribuíam a esse conhecimento: o papel de

³ Formado em medicina pela Faculdade do Rio de Janeiro, em 1910, Irineu Pinheiro foi um dos principais responsáveis pela criação do ICC. Nascido no Crato, em 1881 e morto em 1954, ocupou o cargo de primeiro presidente da agremiação. Além do exercício da medicina, dedicou parte de sua vida às pesquisas históricas sobre o Crato e Cariri tornando-se sócio correspondente do Instituto Histórico do Ceará e da Academia Cearense de Letras. José Alves de Figueiredo Filho (1904-1973) foi um dos grandes nomes da intelectualidade cratense com vários livros e textos publicados em revistas e jornais do Ceará e outros estados. Formado em Farmácia, no ano de 1925, exerceu com mais afinco a atividade de pesquisador e professor de história em escolas e na Faculdade de Filosofia do Crato. Também foi membro da Comissão Estadual do Folclore e da Associação Brasileira do Folclore, sócio correspondente da Academia Cearense de Letras, do Instituto Histórico do Ceará, de Pernambuco e Uruguaiana (RS) e diretor do Núcleo Cearense da ANPUH. Pe. Antônio Gomes de Araújo (1900-1989), foi pesquisador da história e da genealogia do Cariri. Da mesma forma que os outros dois, teve várias publicações em revista, jornais e livros. (Respectivamente: BORGES, 1995, p.28; p.29-30; p.34-36).

⁴ Os Estatutos do Instituto Cultural do ICC foram estabelecidos no ano de 1953, ano de fundação da agremiação, e publicados no primeiro número da Revista Itaytera (1955, p.181) – editada pelo Instituto.

promover a concórdia, unificação e, através da pedagogia do exemplo, garantir a continuidade histórica (SILVA, 2019; VIANA, 2011).

Nesse sentido, o passado tornou-se importante campo de disputa por representações históricas sobre o Cariri, em que determinados personagens e eventos, como a Revolução de 1817 e a família Alencar, o povoamento da região e seu desenvolvimento econômico, por exemplo, foram constantemente revisitados. Buscava-se, da mesma forma, integrar a história regional à nacional explorando e valorizando as especificidades da experiência local. Investimento intelectual que verteu as representações históricas mobilizadas em conhecimento e reconhecimento do que seria o Cariri cearense.

Mas além de grandes nomes e acontecimentos, aspectos do meio natural e da ação dos caririenses sobre ele também figuraram nas narrativas históricas dos membros do ICC como importantes referenciais de singularização e delineamento do espaço regional. Nesse aspecto, a presença da Chapada do Araripe, os extensos vales, brejos, particularidades climáticas, de vegetação e hídricas, possibilitadas pelo altiplano, forneceram os elementos de produção histórica.⁵ Assim, o verde da floresta, o clima ameno, a terra fértil e a existência de várias nascentes, entre outras qualidades distintivas - transformadas em paisagem representada e simbolizada por expressões como “paraíso terreal”, “oásis do sertão” e “Canaã cearense” -, foram entrelaçadas aos eventos, mitos fundacionais e personagens históricos na configuração do Cariri cearense.

Este artigo, portanto, analisa de que maneira as condições ambientais, associadas à Chapada do Araripe, foram apropriadas e inseridas nas narrativas históricas por agentes do ICC em seu projeto de escrita e valorização da história do Cariri e da região. A partir dessa coordenada, nossa pesquisa concentrou-se, especificamente, em trabalhos que, direta ou indiretamente, abordaram a temática da produção canavieira no Cariri. Nesse sentido, foram selecionados tanto textos que têm por temática central a

⁵ Cravada nas divisas com os estados de Pernambuco e Piauí, possui superfície tabuliforme e aproximadamente 180 Km de comprimento, no seu eixo leste/oeste, e variação de 30 a 70 Km de largura, no seu eixo norte/sul (MAGALHÃES, 2006, p.21).

plantação da gramínea, como é o caso de alguns trabalhos de José de Figueiredo Filho, quanto referências históricas em artigos de revista e livros sobre sua centralidade na economia e cultura caririense.

“O Cariri é...”: exercício descritivo nas narrativas da região

A Chapada do Araripe tem condicionado, significativamente, a organização social e cultural do Cariri cearense e a produção de representações sobre a região, remontando a princípios do oitocentos os primeiros relatos que a colocam como aspecto particular do sul cearense. As singularidades ambientais resultantes de sua existência foram, ao longo do tempo, convertidas em numerosas representações de valor estético, utilitarista (como recurso natural a ser explorado), identitário e histórico.

Assim, o verde da floresta, o clima ameno, a terra fértil e a existência de várias nascentes, entre outras qualidades distintivas - transformadas em paisagem representada e simbolizada por expressões como “paraíso terreal”, “oásis do sertão” e “Canaã cearense” -, foram entrelaçadas aos eventos, mitos fundacionais e personagens históricos na configuração do Cariri cearense, além de compor o “exercício descritivo-paisagístico”⁶ de sua fisionomia singular. Nesse caso, a caracterização do Cariri a partir do que o singularizaria em termos naturais precede, normalmente, o relato historiográfico e pelo uso recorrente de “É o Cariri...” ou “O Cariri é...”

Em *Efemérides do Cariri*, por exemplo, Irineu Pinheiro iniciou a introdução de seu livro justamente indicando que “*é o Cariri*, no sul do Ceará, uma região caracterizada por suas águas perenes jorram das faldas do planalto do Araripe, sua vegetação verde nos sítios [...]” (PINHEIRO, 2010, p.13. Grifo meu). Não diferentemente, lemos em “O Cariri. Seu descobrimento, povoamento, costumes” que “**É o Cariri** uma estreita faixa de terreno sertanejo, com fontes que nunca secam” (PINHEIRO, 2009, p.8. Grifo meu).

⁶ Expressão tomada de empréstimo a SUSSEKIND, 1990.

Nesses termos é que José de Figueiredo Filho reedita, logo no parágrafo inicial do volume I de sua *História do Cariri*, as marcas de distinção geográfica da região em relação às terras circunvizinhas:

O Cariri é região do sul do Ceará situada ao sopé do Araripe. É irrigado, em grande parte, por dezenas e dezenas de fontes perenes brotadas daquela serra que o separa de Pernambuco e causa principal da situação privilegiada, que sua natureza desfruta, em contraste com a caatinga ressequida que o circunda (FIGUEIREDO FILHO, 2010, v.1, p.5. Grifos meus).

Com poucas variações, publicações de cunho histórico-sociológico produzidas por membros do ICC também utilizaram do recurso da descrição da natureza e de sua comparação com a aridez do sertão como forma de demarcar o espaço regional e, desta maneira, fornecer a fisionomia da região. Em seu livro *Padre Cícero. Mito e realidade*, que traça uma biografia e análise da expressão política e social do sacerdote de Juazeiro do Norte, Otacílio Anselmo e Silva⁷ abriu seu primeiro capítulo – intitulado *O Meio* – compondo uma síntese do meio físico caririense utilizando-se também da fórmula “O Cariri é...”:

O Cariri, cuja área territorial abrange vinte municípios da região meridional do Ceará, **é um contraste surpreendente na paisagem comburida do Nordeste. Pela sua configuração fisiográfica, fertilidade do solo e amenidade do clima** é a antítese da vasta zona que o circunda, verdadeiro oásis cujas **terras verdejantes** têm sido, no decorrer dos tempos, refúgio e asilo dos fugitivos das secas periódicas.

A sua dessemelhança com as terras áridas do sertão provém da Serra do Araripe, singular montanha de formação arenítica de cuja base brotam *fontes perenes* que irrigam os sítios adjacentes e que outrora banhavam os vales (SILVA, 1968, p.3. Grifos meus).

⁷ O escritor Otacílio Anselmo nasceu em 1909, na cidade de Jati, então distrito do município de Jardim. Tornou-se sócio efetivo do ICC em 1954, tendo feito parte de sua diretoria como secretário geral de 1955 a 1958. Fez carreira no exército nacional alcançando a patente de capitão. Após sua aposentadoria, enveredou pelas pesquisas históricas e pelo jornalismo (BORGES, 1995, p.219-221).

Tendo em vista a consideração da influência dos fatores naturais na definição de “uma fisionomia particular” para o Cariri, é compreensível que nos trabalhos de pesquisa e síntese publicados por membros do ICC sua descrição física tenha sido recurso recorrente para caracterizar geograficamente a região – prática então comum entre geógrafos, cujo binômio observação-descrição esteve na base de seus métodos de análise (MORAES, 2003). Nessa perspectiva, e como um dos aspectos do recurso da descrição (SUSSEKIND, 19990; MARTINS, 2010), colocava-se diante de olhos estrangeiros aquilo que lhe era desconhecido ao mesmo tempo em que, para aqueles que nasceram na região, funcionaria como estratégia de reconhecimento e identificação.

Mas se o “exercício descritivo-paisagístico” operado pelos associados do ICC a fim de caracterizar o Cariri destacou, inicialmente, os dados do ambiente físico como recurso de valorização de sua natureza, ufanismo patriótico e marca de origem, embora não alcançasse, em detalhes, o aspecto de lista de que fala Sussekind em relação ao narrador de ficção no Brasil do século XIX (SUSSEKIND, 1990), outro movimento demarcatório foi, simultaneamente, empreendido a partir da ação dos caririenses sobre o ambiente natural.

Nesse caso, incorporou-se às descrições das características naturais que marcariam a singularidade do Cariri traços ou “formas-objeto” (SANTOS, 2006) resultantes da interferência humana sobre a natureza. Embora os intelectuais do ICC citados páginas acima reconhecessem a influência do meio sobre o homem, compartilhavam da compreensão de que este modela-o conforme suas necessidades criando, assim, novas formas sobre a superfície terrestre ao plantar, abrir estradas e cursos de água para irrigação, construir barreiros e currais, por exemplo. E seria, justamente, nesse processo de trocas mútuas com a natureza ou, nas palavras de José Newton Alves de Sousa, “no dia a dia desse comércio”, que a história se realizaria, não comportando, acrescentou ainda ele, “matéria apenas temporal:

Cada região geográfica repousa, primariamente, numa base física. Só depois é que se humaniza. [...] A base física é o âmbito espacial onde opera o homem em termos culturais. Por isso mesmo, a cultura do

homem, se é cumulativa na ordem cronológica, é especializada na sua operatividade expansiva.

A região molda a cultura pela fixidez dos limites e pelo inevitável relacionamento homem-meio.

O homem, porém, responde a essas influências pela dominância de sua natureza específica a que, por outro lado, modela, quanto pode, a região. No dia a dia desse comércio realiza-se a história, que não comporta matéria apenas temporal. Os acontecimentos ocorrem sempre num determinado espaço e num determinado tempo. Suas repercussões é que podem ultrapassar, e ultrapassam, essas fronteiras. [...] Isto não quer dizer que seja [o homem] um brinquedo das forças de localização. Luta ele contra o espaço em mais de um sentido, e pode hoje dizer-se que, até certo ponto, já o venceu.

[...] As raízes geográficas do homem são alimentadas, vitalmente, por sua história. Essa história nunca é do indivíduo sozinho, como tal considerado, mas dele num contexto sócio-habitacional de que é elemento cooperante.

O homem, quer como indivíduo, quer como povo, é talhado ao jeito do espaço físico humanizado em que se forma.

E por causa de sua fixação na ordem do tempo e na do espaço, fixação que não significa imobilismo, ele se conecta com o passado e com o futuro, do mesmo modo que transcende os limites politicamente demarcatórios, para inserir-se em círculos sociais mais amplos, traduzíveis em países, continentes, hemisférios, mundo.

É na região, todavia, que se configura, mais nitidamente, a fisionomia de cada povo, como expressão cultural e histórica do meio (SOUSA, 1971, p.165 e 166).⁸

Desse “inevitável relacionamento homem-meio” de que fala Sousa, é que teria se formado uma “identidade geográfica” e uma história propriamente caririense, constituídas tanto do entrelaçamento de seus elementos naturais originários (clima, água, vegetação e solo) quanto das modificações impressas pela ação de seus colonizadores e descendentes. Nesse aspecto, nos trabalhos de maior repercussão dos associados do ICC, a instituição do Cariri enquanto região foi operacionalizada, embora em escalas diferenciadas, por uma combinação entre marcadores naturais e humanos. Dessa maneira, se por um lado sua individualidade e unidade foram referenciadas em

⁸ Texto apresentado no II Simpósio de História do Nordeste, realizado no Instituto Central de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal da Paraíba em 1971, e publicado na revista *Itaytera* (editada pelo ICC) no mesmo ano.

elementos da natureza – numa perspectiva devedora da ideia de região natural ⁹, por outro foram ancoradas em resultantes das ações humanas sobre seu espaço ou, lembrando mais uma vez José Newton Alves de Sousa, em seu processo de humanização. Nesse caso, na cultura e na história.

Nessa perspectiva, enquanto produto histórico, a região expressaria a relação dos caririenses com o meio físico constituindo, dessa maneira, uma unidade espacial por suas características naturais diferenciadas das áreas limítrofes. Os intelectuais do ICC que empreenderam uma escrita da história sobre o Cariri procuraram, assim, associar o descobrimento, povoamento e organização social do Cariri às condições naturais existentes, às modificações impressas em sua natureza e a elementos sócio-históricos considerados característicos e peculiares à sua formação. Como expressou José de Figueiredo Filho:

[...] já me deparei com várias pessoas de fora, que vinham estudar o Cariri cearense e muito estranharam as dissemelhanças desta zona com o norte do Estado. **É que tivemos influência diversa em nossa formação, aliada a fatores mesológicos diferentes.** No tipo étnico, não. (FIGUEIREDO FILHO, 1973, p.147. Grifos meus).

E foi, justamente, levando em consideração as relações entre natureza, cultura e história que José de Figueiredo Filho questionou a retirada da cidade de Jardim do “núcleo central da zona carirense” pelo governo federal, ao dividir o país em microrregiões em princípio dos anos 1970. O deslocamento de posição entre este município e o de Várzea Alegre, que passou a ocupar o lugar daquele, causou críticas entre membros do ICC e jardinenses, não obstante o fato de Jardim ter continuado integrado à chamada “grande região do Cariri cearense”. Para o então presidente do Instituto, que disse não saber o critério utilizado para tal substituição, o estranhamento e discordância justificavam-se pelo fato de Jardim ser “integralmente caririense”, pois

⁹ A ideia de região natural compreendia uma dimensão territorial dotada de uma unidade estabelecida pelos elementos da natureza, observados empiricamente, e que a tornava singular em relação às suas áreas limítrofes. Cf. MORAES, 2033; CUNHA, 2012; HAESBAERT, 2010.

situado “em zona canavieira, abraçado pela chapada do Araripe e com natureza muito aproximada de Barbalha”. (FIGUEIREDO FILHO, 1973, p.148. Grifos meus).¹⁰

Notemos, é o ponto que nos interessa aqui, a referência feita à cana-de-açúcar, à chapada e à natureza de Barbalha, distante cerca de 29km de Jardim, como marcadores de identificação entre as cidades que faziam parte do núcleo central do Cariri. Aos aspectos naturais, o autor vinculou a plantação canavieira à identidade regional indicando, da mesma forma que em relação ao primeiro aspecto, sua função de marcador temporal e ordenador de seu espaço territorial. Entrelaçados, esses elementos compuseram, então, uma paisagem caririense historicamente fundada nas relações entre sociedade e natureza, em que a cana-de-açúcar representaria a mais importante transformação sobre o meio físico em benefício da ocupação, riqueza e progresso da região.

Nessa perspectiva foi que, ao apresentar o Cariri em trabalho comunicado no Primeiro Congresso de História da Bahia no ano de 1949, Antônio Gomes de Araújo inseriu em sua descrição da “fisionomia natural da terra” a paisagem dos canaviais:

[...] Correntes apoucadas retalham o vale e vão confluír no Salgado [rio], que nasce no mesmo anfiteatro. *Solo ubertoso, irriga-se de inúmeras fontes perenes que brotam no sopé da serra alimentando canaviais infindos, pontilhados de chaminés, a indicarem a principal indústria dos habitantes, hoje, como há 250 anos passados, e cuja produção, a rapadura, esvai-se para os sertões deste Estado e do Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco e, ultimamente, depois de*

¹⁰ A partir do ano de 1968, a classificação do IBGE de “Áreas” por “Zonas Fisiográficas” foi substituída pela de “Microrregiões Homogêneas”. O Cariri cearense ficou, então, dividido em: Microrregião do Sertão do Cariri (MRH 76): Abaiara, Aurora, Barro, Brejo Santo, Jati, Mauriti, Milagres, Penaforte e Porteiras; Microrregião da Chapada do Araripe (MRH 77): Araripe, Campos Sales, Nova Olinda, Potengi e Santana do Cariri; Microrregião do Cariri 78 (MRH 78): Crato, Juazeiro do Norte, Barbalha, Missão Velha e Jardim. Para detalhes do Plano de Desenvolvimento Integrado para a microrregião do Cariri, consultar o artigo: Equipe técnica da microrregião do Cariri conclui levantamento. In: jornal *A Açã*, 07/10/1972, p.7. A Microrregião Serrana de Caririçu (MRH 75), integrada pelos municípios de Altaneira, Antonina do Norte, Assaré, Caririçu, Farias Brito, Granjeiro e Várzea Alegre, alguns deles antes integrados ao Cariri, não foi considerada pelo IBGE como pertencente a “grande região do Cariri cearense”. Cf: IBGE, 1971, p.19; FAISSOL; GALVÃO, 1969, p.179-220; MAGNANO, 1995, p.65-92.

construída a rodovia transnordestina, para o nordeste baiano. (ARAÚJO, 1973, p.18 e 19).

Outros também repetiram o mesmo modelo enunciativo. Ao lado das águas correntes, do verde da vegetação e dos brejos, como pode ser observado em citações feitas anteriormente, acrescentavam às descrições do meio físico da região a existência de canaviais a dominar a paisagem. Aos elementos naturais, incorporaram-se, portanto, traços que o humano, através da produção canaveira, imprimiu ao espaço e à vida regional. É certo que outras culturas foram desenvolvidas, como o plantio da mandioca, do algodão, arroz, feijão, milho, de frutas etc., mas nenhuma alcançou a importância econômica, social e simbólica que a lavoura da cana possuiu na composição de representações históricas e paisagísticas do Cariri sob orientação dos associados do ICC.

“Entre canaviais verdejantes e à sombra da natureza pródiga do Cariri”¹¹: representações históricas do sul cearense

Ao plantio da cana-de-açúcar, portanto, foram dedicados artigos em revistas e jornais, capítulos, seções de capítulos e um livro patrocinado pelo Serviço de Informação Agrícola focalizando sua introdução no Cariri, adaptação ao meio, variedade, cadeia produtiva, ascensão, decadência e as formas que marcou a cultura e paisagem rural caririense.¹² A instituição do cultivo dessa espécie de gramínea enquanto marco diferenciador regional, que teve como protagonistas o ser humano e a natureza, fez parte, portanto, do exercício projetado pelos membros do ICC de valorização da região, embutido, aí, o esforço de (re)traçar sua genealogia e seu acervo de atributos originais definidores de seu território e singularizador de sua gente. Dessa maneira, ela foi tratada tanto sob o prisma histórico e econômico quanto cultural, pois que “muito antiga a lavra

¹¹ Frase tomada de empréstimo a FIGUEIREDO FILHO, 2010, p.27.

¹² Me refiro ao livro *Engenho de rapadura do Cariri*, de José de Figueiredo Filho, publicado em 1958 pelos Ministérios da Agricultura e do Serviço de Informação Agrícola, e que compôs a coleção “Documentário da Vida Rural”.

de cana-de-açúcar no vale caririense, contemporâneo, pode-se dizer, de seu descobrimento” (PINHEIRO, 2009, p.37).

A terceira edição do texto *O Cariri*, de Martins Filho¹³ (1966), é indicador do lugar e importância que a lavoura da cana adquiriu nas narrativas da região produzidas pelos intelectuais do ICC - além de exemplificar a circulação e impacto dessas publicações entre eles, ou seja, seu caráter intertextual, como parte do esforço orquestrado de invenção da região. Orientado pelas leituras de Irineu Pinheiro e José de Figueiredo Filho, especialmente por este que foi autor de livro e artigos dedicados à temática da cana-de-açúcar na região, o então reitor da Universidade [Federal] do Ceará atualizou o parágrafo sobre a cana-de-açúcar indicando, ao mesmo tempo, sua decadência na atualidade, seu passado de glória e sua inscrição numa espacialidade e temporalidade históricas. Assim, e logo após ressaltar a importância dos recursos naturais água, solo, clima e a própria Chapada do Araripe como importantes potenciais econômicos, afirmou que:

Foi, todavia, nos grandes tratos de terra que circundam o sopé da serra do Araripe e margeiam os afluentes do Salgado que se assentaram as bases da economia caririense. **Por mais de duzentos anos, a cana-de-açúcar constituiu a principal fonte de prestígio e grandeza dos coronéis de pé-de-serra.** Ao lado da cana, como culturas acessórias e imprescindíveis à subsistência do homem caririense, cresciam as lavouras de milho, feijão e arroz, ao mesmo tempo em que se multiplicavam as plantações de algodão. (MARTINS FILHO, 1966, p.105. Grifos meus).¹⁴

¹³ Antônio Martins Filho era cratense e sócio correspondente do Instituto Cultural do Cariri. Formado em Direito e bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais, foi professor da Faculdade de Direito do Ceará e um dos principais responsáveis pela criação da Universidade Federal do Ceará, da qual foi Reitor de 1955 (data de sua instalação) a 1967, da Universidade Estadual do Ceará (1977), da Faculdade de Filosofia do Crato (1959) e da Universidade Regional do Cariri (1986) – originada da Faculdade de Filosofia do Crato. Foi sócio do Instituto do Ceará e da Academia Cearense de Letras (BORGES, 1995, p.93-98).

¹⁴ Na primeira edição, lê-se: “No vale é cultivado principalmente a cana-de-açúcar – a maior riqueza do Cariri. Nos municípios de Barbalha, Crato, Juazeiro do Norte e Missão Velha existem cerca de 180 engenhos movidos a vapor ou por tração animal, os quais produzem anualmente uma média de 100.000 cargas de rapaduras, que correspondem mais ou menos a sete mil réis”. (MARTINS FILHO, 1939, p.244). Infelizmente, não foi possível localizar a segunda edição do livro (publicada no ano de 1945). Mas suponho que, em função dos trabalhos de Irineu Pinheiro e José de Figueiredo Filho terem vindo à lume na década de 1950, não tenha havido mudanças significativas no parágrafo em que o autor se refere à produção dessa gramínea da primeira para a segunda edição.

Tanto nas duas citações anteriores quanto nesta, é possível perceber que a cultura da cana-de-açúcar foi inserida nas narrativas como um dos princípios de origem do Cariri enquanto “comunidade imaginada”. A instituição de um tempo e espaço caririense foi realizada considerando, assim, as interações entre a ação humana e a natureza através desta planta. A referência a uma temporalidade ancestral (“como há 250 anos passados”, “muita antiga a lavra de cana...”, “por mais de duzentos anos”, por exemplo), associando-a à empresa colonizadora realizada no período colonial “com a chegada do conquistador, portador da civilização do branco” (FIGUEIREDO FILHO, 1971, p.440)¹⁵, e a seu cultivo nos pés de serra e brejos do Cariri originando “extensos canaviais”, funcionaram, então, como demarcadores temporal (histórico), espacial e identitário.

Em trechos de trabalhos de José de Figueiredo Filho, intelectual que mais pesquisou e publicou entre as décadas de 1950 e 1970 sobre a introdução da cana-de-açúcar e sua influência na formação da região, o efeito de espacialização do Cariri e historicização de sua paisagem referenciada em seu plantio adquiriu maior textura enquanto marcas de identificação e distinção:

A CULTURA canavieira do Cariri cearense, que medrou com os primeiros povoadores vindos da Bahia, no século XVIII, pelo caminho do S. Francisco e seus afluentes, ficou implantada definitivamente na zona. *À princípio ganhou os brejos do Batateira, Salgado, Jardim, Salamanca, depois começou a subir pelos pés-de-serra do Araripe.* (FIGUEIREDO FILHO, 1968 [abril], n.4, p.24-26)

“O Cariri conservou o topônimo da nação silvícola, que o povoava, antes do aparecimento do elemento civilizado”.

Descoberto por criadores, cortado de córregos perenes, com inúmeros terrenos de brejos, devido a sua pródiga natureza, foi transformado facilmente em zona de intensa

¹⁵ O referido trabalho (ver a relação de fontes ao final do artigo) foi publicado também na revista Itaytera de 1970, com pouquíssimas alterações, com o título: “A civilização que veio pelo São Francisco” (p.7-14). Nele, à página 127, encontra-se uma nota informando que o artigo reproduzido foi publicado, primeiramente, na revista dirigida por Afrânio Coutinho, “Cadernos Brasileiros”, editada no Rio de Janeiro, em seu número 58, de março e abril de 1970.

agricultura. Tomou-se logo em região canavieira, importando mudas do recôncavo baiano ou zona da mata pernambucana, já intensamente cultivadora da cana de açúcar, pela importação de sementes das ilhas da Madeira, trazidas pela ação eminentemente colonizadora de Portugal. (FIGUEIREDO FILHO, 1969, p.313)

A crônica de João Brígido, citada acima, não nos fala da pecuária. Mas, a civilização caririense nasceu com o ciclo do couro. Foi em busca de campos e currais para o gado que o sertanista penetrou no interior, devassando léguas e léguas de terra. **A fertilidade do solo caririense, com terrenos irrigados e de massapê, forçou o homem a trocar em parte o pastoreio pelo cultivo do solo** [...]. As culturas do algodão e da mandioca, herdadas do ameríndio, tinham que abrir caminho para nova plantação, vinda com os povoadores que nos chegavam pelo caminho natural do São Francisco. **Era a cana-de-açúcar que iria tomar conta do Vale Caririense**, sem dar-lhe, no entanto, a opulência das zonas canavieiras do recôncavo baiano, de Pernambuco ou do Campo dos Goitacazes, na província do Rio de Janeiro. (FIGUEIREDO FILHO, 2010, v.3, p.108)

O povoador, ao atravessar sertões inóspitos, deparou-se com terras de rica vegetação, córregos abundantes e várias zonas embrejadas, convidando-o a trocar o laço e a aguilhada pelo machado e pela enxada. Foi o que fez logo, sem esquecer o gado vacum, indispensável à vida agrícola. [...] **Quem vinha do recôncavo baiano, ou da mata da Pernambuco, sentia que pisava em terreno de massapê, por demais propício à cultura canavieira. A gramínea, de pouco a pouco, tomou conta dos brejos e dos pés-de-serras do Araripe.** Os engenhos de rapadura e aguardente multiplicaram-se. **O boi, o cavalo e mais tarde o muar foram atrelados visceralmente à vida cotidiana do engenho de cana.** O boi manso tornou-se o motor da engrenagem de retirar o suco daqueles riquíssimos colmos. O senhor de engenho passou a ser também fazendeiro no sertão de Pernambuco, Piauí ou mesmo no Ceará. Muitas vezes, instalava logradouro, lugar de retirada de gado, na serra do Araripe, que divide o Cariri da terra pernambucana. O senhor de engenho caririense, **como ainda hoje acontece**, completava seu trabalho de cultura de cana e de moagem, empregando três tipos de propriedades: o sítio de plantio com água de rega, a fazenda de criar o gado e o logradouro para a engorda dos animais e para as vacas leiteiras, em determinados meses. (FIGUEIREDO FILHO, 1971, p.440). Grifos meus.

A monocultura da cana-de-açúcar e seus engenhos representariam, portanto, os alicerces principais da civilização caririense. Desbravada as matas “pelo machado e pelo

fogo” (PINHEIRO, 2009, p.279; SILVA, 1968, p.108-109; FIGUEIREDO FILHO, 2010, p.52), domesticada a natureza, aos poucos o progresso se estabelecia pelas mãos do colonizador dando contornos regionais ao que de “princípio” era “terra deserta” (PINHEIRO & FIGUEIREDO FILHO, 2010, v.1, p.29)¹⁶, numa alusão à ideia de espaço dominado pela natureza como vazio a ser preenchido.¹⁷ Se por um lado, a derrubada da floresta em benefício da atividade agrícola açucareira denunciava a precariedade técnica e a ação destruidora do homem sobre o meio natural, com prejuízos ambientais futuros - como também abordaram alguns dos autores citados -, por outro, sua exploração significou a fundação e estabelecimento de uma cultura onde, não obstante a pecuária, praticamente só havia natureza selvagem.¹⁸

Nesse aspecto, o plantio da cana assumiu, nos escritos de alguns dos intelectuais do ICC, uma importante dimensão simbólica: a de traço ancestral e peculiar ao Cariri. Apesar da referência ao algodão, mandioca e ao criatório praticados “naquele esboço da vida, em célula caririense que nascia” (FIGUEIREDO FILHO, 2010, v.3, p.107), “a importância do Cariri” teve, “entretanto, como **alicerce principal, e desde os tempos coloniais**, o cultivo da cana e seus engenhos” (FIGUEIREDO FILHO, 2010, p.21. Grifos meus). “Em pouco tempo”, como afirmou José de Figueiredo Filho, “**a nova plantação tomou conta da terra e do homem**” (PINHEIRO & FIGUEIREDO FILHO, 2010, p.47. Grifos meus). Foi, então, em torno de “canaviais luxuriantes” que se “fez uma civilização”, como expressou o literato e sócio correspondente do ICC Eduardo Campos, sugestionado pela leitura de “Engenhos de Rapadura do Cariri”, de

¹⁶ A citação é a seguinte: “A princípio éramos terra deserta coberta de luxuriante vegetação, cheia de águas que brotavam das nascentes do planalto do Araripe, rica de caça e mel e frutos silvestres. Pasmaram os primeiros povoadores [...] da imponência e da beleza da região que, de futuro, tomaria o nome de Cariri”. Grifos meus.

¹⁷ A respeito dessa ideia em relação ao Brasil, ver: MURARI, 2009; SEVCENKO, 1996, p.108-119; WARREN, 1996; PÁDUA, 2004.

¹⁸ Percepção que o pensamento social e a literatura de fins do século XIX e início do século XX, nas narrativas sobre a nação, classificou como o caráter ambíguo do processo de ocupação do território brasileiro na relação do humano com a natureza. Ou seja, ao mesmo tempo em que a devastava, criava as condições de possibilidade para o sucesso do empreendimento colonizador (MURARI, 2009).

José de Figueiredo Filho, e pelas imagens retidas em sua memória dos canaviais carirenses. (CAMPOS, 1970, p.159-161).¹⁹

O Cariri. Seu descobrimento, povoamento e costumes, de Irineu Pinheiro, mais especialmente o livro *Engenhos de Rapadura do Cariri*, de José de Figueiredo Filho, e alguns artigos do mesmo autor, publicados na Revista Brasil Açucareiro²⁰ nos anos 1967 e 1968, foram as obras que maior força tiveram ao tematizar sobre a cana e as formas de domínio, sucesso civilizatório, autenticidade e originalidade que esta imprimiu à história e à vida da região - a exemplo do que fez Gilberto Freyre em seu *Nordeste* (1967)²¹ - na re(a)apresentação histórica e definição do espaço caririense. A paisagem de engenho foi incorporada, dessa maneira, como marca de origem e princípio de unidade do sul cearense fazendo repercutir, com grande sucesso, uma visão do que seria seu conjunto geográfico regional:

A cana passou a constituir [...] a base da economia caririense. Produzindo rapadura e aguardente para um mercado que se alargava em direção dos sertões do Ceará, Pernambuco, Paraíba e Piauí, **os engenhos vinham permitir uma longa fase de prosperidade nessa região estabelecendo padrões de vida, hábitos e formando a mais sólida elite rural dessa parte do Ceará** (NASCIMENTO, 1978, p.8. Grifos meus).²²

Assumindo a perspectiva freyreana que tomava a monocultura da cana como a principal dinamizadora de valores políticos, sociais, materiais, intelectuais e de cultura

¹⁹ O autor mantinha relações de amizade com alguns dos intelectuais do ICC, tendo visitado a região por diversas vezes. Era formado em Ciências Jurídicas e Sociais pela Faculdade de Direito do Ceará, atuou como jornalista, radialista, contista, teatrólogo e folclorista. Em função de sua vasta produção literária, foi membro da Academia Cearense de Letras e do Instituto Histórico do Ceará, dos quais foi também presidente. No Crato, além de sócio correspondente do ICC, foi diretor da Rádio Araripe. Em 1971, recebeu a honraria de Cidadão Honorário da Cidade do Crato. Era chamado por alguns de seus colegas do ICC de filho adotivo do Crato. Cf: <http://www.eduardocampos.jor.br/_htm/biografia3.htm>. Acesso em: 02/10/2017.

²⁰ A revista, editada no Rio de Janeiro, era uma publicação do Instituto do Açúcar e do Alcool (criado em 1933) – órgão vinculado ao Ministério da Indústria e do Comércio. Circulou de 1934 a 1979.

²¹ A primeira edição do livro, publicada em 1937, é a que consta, por exemplo, nas referências bibliográficas de “Engenhos de Rapadura do Cariri”, de Figueiredo Filho.

²² Na mesma página, o autor registra que, em 1858, existiam 308 engenhos no Cariri, assim distribuídos: Crato, 120; Barbalha, 72; Jardim, 66; Missão Velha, 50.

que diferenciariam o Nordeste de outras regiões, intelectuais do ICC trouxeram, então, para o centro de suas narrativas as interações entre ação humana e natureza destacando, igualmente, as relações construídas entre a cana e a água, a cana e o solo, a cana e os animais, a cana e a floresta, a cana e o homem.

Dessa forma - e partindo do passado ao presente, entre descrição e narração, documentos de arquivo e conversas com moradores, relatos de viajantes e trabalhos de cunho científico, tradição e memória, detalhes sobre cotidiano do trabalho nos engenhos, habitação, alimentação, formas de lazer, folguedos populares, fabrico da rapadura, relações entre o senhor de engenho e os trabalhadores rurais e entre estes, os animais e a mata -, tipos e características dos engenhos caririenses foram apresentados ao leitor com a preocupação de evidenciar suas notas individualizantes em comparação a outras zonas canaveiras – especialmente com a pernambucana, e pela “voz autorizada de Gilberto Freyre”(FIGUEIREDO FILHO, 2010, p.24).²³

Dessa maneira, por exemplo, o fabrico da rapadura, principal produto resultante do beneficiamento da cana na região, adquiriu relevância. Em José de Figueiredo Filho, lemos que “*a rapadura, alimento secular, e os engenhos estão intimamente ligados à vida caririense. Integram-se intimamente ao folclore. Poetas populares os têm decantado*” (FIGUEIREDO FILHO, 1968, n.1, p.29). Lê-se também que “no Vale Caririense sempre houve modo especial de se fazer aqueles quadriláteros de açúcar bruto, *desde há séculos, tudo isto por mãos do MESTRE DE RAPADURA. Só ele tem esse segredo, com alicerces em arte especial que vem de pais para filhos* (FIGUEIREDO FILHO, 1967, n.6, p.22).

Observa-se, portanto, e este é o ponto que interessa aqui mais diretamente, que nas explicações históricas e interpretações sociológicas, produzidas pelos intelectuais mencionados, à “pródiga natureza” entrelaça-se o cultivo da cana-de-açúcar como elementos condicionadores da vida, cultura, história e do espaço regional. Bastante

²³ Em seu exercício comparativo, Figueiredo Filho cita trecho do livro *Região e Tradição*, de Gilberto Freyre, editado em 1941 pela Editora José Olympio. Ainda em relação às particularidades do cultivo da cana e sua influência na formação social e cultural da região, consultar também: FIGUEIREDO FILHO, 1968, n.1, p.27-30.

representativa disso foi a transposição de tal interpretação histórica e sociológica para a simbologia de alguns dos brasões das cidades que, desmembradas de Crato no século XIX, constituíram-se, juntamente com esta, em principais produtoras desta gramínea: Jardim, Barbalha e Missão Velha. Criados entre os anos 1950 e 1970, os brasões destes municípios utilizam cores e/ou elementos que simbolizam a natureza e sua fertilidade (a exemplo do sol), quanto hastes de cana como suportes laterais de seus escudos.

Enquanto signos dotados de projeção de valores pátrios, os brasões, da mesma forma que a bandeira e outros símbolos nacionais, remetem seus significados ao que seriam as marcas distintivas de uma comunidade imaginada constituindo-se, dessa forma, em declarações de identidade. Nessa perspectiva, embora combinando elementos que procuram evidenciar a individualidade de cada uma das comunas referidas, o uso de cores e imagens de elementos associados à natureza e à produção da cana-de-açúcar atuam como construções e (re)afirmações de uma formação histórica, cultural e geográfica particular à região denotando o caráter de (com)partilhamento de uma paisagem e ideia de Cariri.

Compreende-se, então, o questionamento que José de Figueiredo Filho (1973, p.147.) fez, como mencionado anteriormente (rever nota 10), sobre a retirada da cidade de Jardim do núcleo original do Cariri, no início de 1970, pelo governo federal ao criar as chamadas microrregiões. A afirmação feita por ele de que a cidade seria “integralmente caririense” pode ser lida, assim, como reivindicação de pertencimento histórico e territorial a uma unidade de origem.

O enunciado “entre canaviais verdejantes e à sombra da natureza pródiga do Cariri” (FIGUEIREDO FILHO, 2010, p.27) sintetiza, expressivamente, o que foi dito nos dois parágrafos acima. Ele possui, da mesma maneira que na pintura, o efeito de moldura, ou seja, indica tanto o ponto de vista de seu autor acerca do objeto representado quanto limita “o espaço de varredura do olhar”²⁴ do espectador. Isto porque, como diz Cauquelin (2007, p.137):

²⁴ Expressão tomada de empréstimo a MAUAD, 2016.

[...] a moldura corta e recorta, vence sozinha o infinito do mundo natural, faz recuar o excedente, a diversidade. O limite que ela impõe é indispensável à constituição de uma paisagem como tal. Sua lei rege a relação de nosso ponto de vista (singular, infinitesimal) com a ‘coisa’ múltipla e monstruosa.

A moldura se interpõe, assim, entre a realidade visível e a subjetividade daquele que dela se apropria, sendo ela própria parte instituinte da paisagem. Na tela, seus elementos figurativos e sua sintaxe conferem unidade ao quadro paisagístico.

Nos autores selecionados, as condições ambientais (meio) combinam-se, pois, às expressões de seu aproveitamento humano na conformação e representação da região, marcas que testemunhariam os feitos da civilização que progrediu “à sombra dos engenhos e dos canaviais” (FIGUEIREDO FILHO, 2010, p.68). Assim, ainda segundo José de Figueiredo Filho, as terras onde as canas mais se desenvolviam eram as dos massapês dos brejos, onde a umidade era constante e as socas duravam mais que as plantadas nos pés de serra, sendo sempre “bem grossas e suculentas”. As nascentes e olhos d’água que brotam dos sopés da Chapada do Araripe asseguravam a irrigação do plantio o ano inteiro, garantindo solo sempre cultivável através da condução da água em levadas abertas pela enxada (FIGUEIREDO FILHO, 2010A, p.33-36; PINHEIRO, 2009, p.57; PINHEIRO & FIGUEIREDO FILHO, p.47).

A qualidade do solo, atmosfera, água e situação geográfica em função da presença da Chapada do Araripe são destacados, então, como fatores que favoreceram a implantação da gramínea e como evidência da imagem de terra pródiga, constantemente evocada nas descrições e argumentações históricas acerca da formação do Cariri enquanto região excepcional. Como expressou Eduardo Campos, “vendo-o [canavial] em extensão considerável, como várias vezes o vi em Barbalha ou ao descer a Serra do Araripe, *é ter a noção exata de estar presente a um oásis de abençoada messe*” (CAMPOS, 1970, p.159). Embora não tenha sido elaborada pelos autores aqui tratados nem por caririense, mas por um sócio correspondente do ICC e colaborador de

Itaytera, pode-se considerar, como indicam as fontes trabalhadas, que a proposição acima expressa bem os sentimentos do grupo aqui abordado.

Nos limites da moldura estabelecida pela elite intelectual do ICC em suas narrativas da região, as representações históricas e identitárias do Cariri cearense colocam, então, em relação elementos da natureza – “condições geográficas meta-históricas” (KOSELLECK, 2014) - e as marcas impressas pela ação dos homens em seu espaço físico e nos costumes – condições históricas. Dessa forma, os pés-de-serra e brejos, a água, o clima, a chapada, as palmeiras, os pequizeiros, os carros de boi, a bagaceira, as moendas, chaminés e levadas, os burros e bois, as casas de engenho, a cidade e o elemento humano aparecem como elos do passado e da paisagem que se inventava, ao mesmo tempo que de uma “identidade geográfica”²⁵ e cultural do Cariri.

Considerações Finais

Nas narrativas históricas produzidas por membros do ICC, especialmente por aqueles que eram considerados seus historiadores - Irineu Pinheiro, José de Figueiredo Filho e Padre Antônio Gomes de Araújo -, as percepções sensoriais e dados científicos antes dispersos em textos jornalísticos, relato de viajantes, literatura, documentos oficiais, discursos políticos, memória, relatórios e produções de institutos de pesquisa em relação a aspectos da natureza ganharam tessitura histórica ao serem inseridos em narrativas que articulavam-na a um tempo e espaço determinados. Nessa perspectiva, pode-se considerar que o próprio texto historiográfico funcionou como operação de demarcação.

Assim, nas narrativas de seu descobrimento, povoamento e formação social operou-se uma representação da região através da historicização de sua identificação com a natureza a partir de duas estratégias: 1- o destaque de aspectos de seu meio físico,

²⁵ Retirado do discurso pronunciado por Sousa (1970, p.54) durante a solenidade de formatura da primeira turma de alunos da Faculdade de Filosofia do Crato, da qual era diretor.

utilizando-se do recurso da descrição como forma de apresentar a região ao leitor; 2- o entrelaçamento desses aspectos às marcas visíveis do espaço resultantes de sua apropriação pela ação dos sujeitos – uma “paisagem humana”, na expressão de José Newton Alves de Sousa e Martins Filho, ou “paisagem cultural”, na de Gilberto Freyre (SOUSA, 1971, p. 165-184; MARTINS FILHO, 1966, p.101-109; FREYRE, 1967).

Nos textos consultados, ora enquadram-se aspectos ditos típicos da natureza da região; ora elementos artificiais resultantes de sua transformação pela monocultura da cana-de-açúcar; ora, uma conjunção desses componentes. Ações que produziam uma espacialização do tempo e temporalização do espaço que, por sua vez, produziam uma unidade regional que remontava a uma tradição cultural e a uma origem através da história:

Em frente daquela **construção secular** [engenho Tupinambá] tive que parar, silenciar e meditar um pouco. **Toquei a devassar o passado** em minha imaginação. Revi o período de cangaceirismo político que dominou o Cariri, em tempos que já se foram. Quantas lutas não se desenrolaram em Barbalha, em Crato, nos brejos e nos pés de serra? Quantos momentos de apreensão não sofreram os habitantes daquele solar com a tempestade a rugir bem perto, exacerbada pelos episódios políticos, rivalidades e ambições? [...] Ao deixar aqueles sítios [Barbalha], **de natureza luxuriante, e aquele casarão senhorial, com seu engenho secular, mas que está modernizado mais do que muitos outros, fiquei com a bela paisagem indelevelmente gravada na memória** (FIGUEIREDO FILHO, 2010, p.51-53. Grifos meus).

A “paisagem” caririense seria, então, o resultado tanto da percepção visual da natureza, como suas palmeiras, nascentes, sua vegetação “sempre verde”, por exemplo, quanto produto de sua modificação. Ambos articulados esteticamente e historicamente numa continuidade histórica que possibilitava (re)ligar presente e passado, tempo e espaço, indivíduo e coletividade na invenção da “fisionomia particular” do Cariri. Pois, como disse José de Figueiredo Filho, complementando a frase que dá título a este artigo, “o engenho *não é só* de seu proprietário. Tem alguma coisa que *pertence a todos nós*. O

alfenim, a rapadura quente, o caldo de cana e a beleza estonteante de sua paisagem” (FIGUEIREDO FILHO, 2010, p.40. Grifos meus).

Dessa forma, se em alguns momentos buscava-se dar corpo às fronteiras da região, listando os nomes dos municípios que comporiam sua unidade territorial, preocupação devedora dos processos de formação dos Estados Nacionais modernos, predominou, no entanto, uma ideia de Cariri que não se prendia a marcos administrativos. Nas obras analisadas, a uma dimensão física precisa do que seria a região caririense sobrepôs-se uma unidade alicerçada em torno de uma imagem original e coesa da região a partir da combinação entre experiências históricas e imagens da natureza aproximando-os, nesse aspecto, do sentido de região como expressão cultural que marcou o regionalismo de Gilberto Freyre.

Referências

Fontes

ARAUJO, Antonio Gomes de. **Povoamento do Cariri**. Crato: Faculdade de Filosofia do Crato, coleção Estudos e Pesquisas, v.2, 1973.

CAMPOS, Eduardo. *Á margem de um livro*. In: **Itaytera**, 1970, p.159-161.

FIGUEIREDO FILHO, José de. **Engenhos de rapadura no Cariri**. Fortaleza: Edições UFC, 2010. [fac-símile da edição de 1958].

_____. **História do Cariri**. Fortaleza: Edições UFC, v.1, 2010 [fac-símile da edição de 1964].

_____. **História do Cariri**. Fortaleza: Edições UFC, v.3, 2010 [fac-símile da edição de 1966].

_____. *Decadência atual da rapadura do Cariri cearense*. In:

[Revista] Brasil Açucareiro, Rio de Janeiro, n.6, 1967 [dezembro], p.19-22.

Disponível em: <http://memoria.bn.br/pdf/002534/per002534_1967_00070.pdf>.

Acesso em: 19/01/2018.

_____. *A rapadura vincula-se à tradição do Cariri cearense*. In:

[Revista] Brasil Açucareiro, Rio de Janeiro, n.1, 1968 [janeiro], p.27-30. Disponível

em: <http://memoria.bn.br/pdf/002534/per002534_1968_00071.pdf>. Acesso em:

19/01/2018.

_____. *Peculiaridades da zona canavieira caririense*. In:

[Revista] Brasil Açucareiro, Rio de Janeiro, n.4, 1968 [abril], p.24-26. Disponível em:

<http://memoria.bn.br/pdf/002534/per002534_1968_00071.pdf>. Acesso em:

19/01/2018.

_____. *Sobrevivência portuguesa no Cariri cearense*. In: **Anais do IV Simpósio Nacional dos Professores Universitários de História. Colonização e migração**. São Paulo: [FFCL]-USP, 1969, p.311-343. Disponível em: <<http://anais.anpuh.org/wp-content/uploads/mp/pdf/ANPUH.S04.12.pdf>>. Acesso em: 19/09/2016.

_____. *Influência civilizadora do São Francisco no Cariri cearense*. In: **Anais do V Simpósio Nacional dos Professores Universitários de História. Portos, rotas e comércio**. São Paulo, v.1, 1971, p.440. Disponível em: <<http://anais.anpuh.org/wp-content/uploads/mp/pdf/ANPUH.S05.23.pdf>>. Acesso em: 17/12/2017.

_____. *O Cariri no todo cearense*. In: **Itaytera**, 1973, p.147-148.

MARTINS FILHO, Antônio. *O Cariri*. In: _____; GIRÃO, Raimundo: **O Ceará**. Fortaleza: Editora Fortaleza, 1ª ed., p.240-246, 1939.

_____. *O Cariri*. In: _____; GIRÃO, Raimundo. **O Ceará**. Fortaleza: Editora do Instituto do Ceará, 3ª ed., p.101-109, 1966.

NASCIMENTO, F. S. *História*. In: NORÕES, Edimar; NASCIMENTO, F. S; SAMPAIO, Dorian. **Região do Cariri**. Fortaleza: BEL Publicações, 1978.

PINHEIRO, Irineu. **O Cariri. Seu descobrimento, povoamento, costumes**. Fortaleza: Fundação Waldemar Alcântara, 2009. [fac-símile da edição de 1950].

_____. **Efemérides do Cariri**. Fortaleza: Edições UFC, 2010. [fac-símile da edição de 1963].

PINHEIRO, Irineu; FIGUEIREDO FILHO, José de. **A cidade do Crato**. Fortaleza: Edições UFC, 2010. [fac-símile da edição de 1955].

SILVA, Otacílio Anselmo e. **Padre Cícero. Mito e realidade**. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, Coleção Retratos do Brasil, v.66, 1968.

SOUSA, José Newton Alves de. **Cariri, Nordeste e Universidade**. Crato: Publicação da Faculdade de Filosofia do Crato, 1970.

_____. *Contribuição do Cariri cearense à historiografia do Nordeste*. In: **Itaytera**, 1971, p.165-184.

Referências Bibliográficas

ANDERSON, Benedict. **Comunidades imaginadas. Reflexões sobre a origem e difusão do nacionalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

BORGES, Raimundo de Oliveira. **O Crato Intelectual (Dados bio-bibliográficos)**. Crato: Coleção Itaytera, 1995.

CAUQUELIN, Anne. **A invenção da paisagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

CUNHA, Maria Soares da. **Pontos de (re)visão e explorações historiográficas da abordagem regional: exercício a partir do Cariri cearense (séculos XIX e XX)**. Tese. (Doutorado em Geografia). Programa de Pós-graduação em Geografia da UFC, 2012.

DUARTE, Regina Horta. “*Com açúcar, com afeto*”: impressões do Brasil em Nordeste de Gilberto Freyre. In: **Tempo**, Rio de Janeiro, v.10, n.19, 2005, pp.125-147. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/tem/v10n19/v10n19a09.pdf>>. Acesso em: 18/11/2017.

FAISSOL, Speridião; GALVÃO, Marília Velloso. *Divisão regional do Brasil*. In: **Revista Brasileira de Geografia**, Rio de Janeiro, 1969, v.31, n.4, p.179-220. Disponível em: <http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/115/rbg_1969_v31_n4.pdf>.

Acesso em: 26/11/2016.

FREYRE, Gilberto. **Nordeste. Aspectos da influência da cana sobre a vida e a paisagem do Brasil**. Rio de Janeiro: José Olympio, 4ª ed., 1967.

HAESBAERT, Rogério. **Regional-global. Dilemas da região e da regionalização na geografia contemporânea**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

IBGE. **Sinopse preliminar do censo demográfico. VIII recenseamento Geral – 1970. Ceará**. Rio de Janeiro: IBGE, 1971, p.19, 20, 29, 30. Disponível em: <http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/311/cd_1970_sinopse_preliminar_ce.pdf>. Acesso em: 26/11/2016.

KOSELLECK, Reinhart. *Espaço e história*. In: **Estratos do tempo. Estudos sobre história**. Rio de Janeiro: Contraponto: PUC-Rio, 2014, p.73-89.

MAGALHÃES, Alexsandra de Oliveira. **Análise ambiental do alto curso da microbacia do Rio da Batateira no município do Crato/Ce: subsídios ao zoneamento ecológico-econômico**. Fortaleza: UFC, Dissertação de Mestrado em Geografia, 2006.

MAGNANO, Angélica Alves. *A divisão regional brasileira. Uma revisão bibliográfica*. In: **Revista Brasileira de Geografia**, Rio de Janeiro, v.57, n.4, p.65-92, 1995.

MAUAD, Ana Maria. *O futuro do passado e os desafios da escrita da história para o século XXI*. In: MENESES, Sônia; SANTOS, Joaquim dos. **História e contemporaneidades**. Curitiba: CRV, 2016.

MARTINS, Eduardo Vieira. *Imagens da floresta. Auguste de Saint-Hilaire e José de Alencar*. In: MIYOSHI, Alex (org.). **O selvagem e o civilizado nas artes, fotografia e literatura do Brasil**. São Paulo: Editora da UNICAMP, 2010, p.38-56. Disponível em: <<http://www.unicamp.br/chaa/civilizado/livro-selvagem-civilizado.pdf>>. Acesso em: 06/01/2018.

MORAES, ANTONIO C.R. **Geografia. Pequena história crítica**. São Paulo: Editora Annablume, 20ª ed., 2003.

MURARI, Luciana. **Natureza e cultura no Brasil (1870-1922)**. São Paulo: Alameda, 2009.

OLIVEN, Ruben George. **A parte e o todo. A diversidade cultural no Brasil-nação**. Rio de Janeiro: Vozes, 2ª ed., 2006.

_____. **O nacional e o regional na construção da identidade brasileira**. Disponível em:

<http://www.anpocs.org.br/porta/publicacoes/rbcs_00_02/rbcs02_07.htm. Acesso em 18/06/2015>. Acesso em: 16/03/2016.

PÁDUA, Augusto Pádua. **Um sopro de destruição. Pensamento político e crítica ambiental no Brasil escravista (1786-1888)**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004.

SANTOS, Milton. **Metamorfose do espaço habitado**. São Paulo: Editora Hucitec, 1997.

_____. **A natureza do espaço. Técnica e tempo. Razão e emoção**. São Paulo: EdUSP, 2006.

SEVCENKO, Nicolau. *O front brasileiro na guerra verde. Vegetais, colonialismo e cultura*. In: **Revista USP**, São Paulo, 1996, n.30, p.108-119. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/25911/27643>>. Acesso em: 26/10/2015.

SILVA, Jane D. S. e. **Um “oásis” chamado Cariri: Instituto Cultural do Cariri, natureza, paisagem e construção identitária do sul cearense (1950-1970)**. Tese (Doutorado em História). Programa de Pós-graduação em História da UFRGS, 2019.

SUSSEKIND, Flora. **O Brasil não é longe daqui. O narrador, a viagem**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

THIESSE, Anne-Marie. *Ficções criadoras: as identidades nacionais*. In: **Anos 90**, Porto Alegre, n.15, 2001/2002, p.7-23. Disponível em: <<http://www.seer.ufrgs.br/anos90/article/viewFile/6609/3932>>. Acesso em 10/09/2014.

VIANA, José Italo Bezerra. **O Instituto Cultural do Cariri e o centenário do Crato: memória, escrita da história e representações da cidade**. Dissertação (Mestrado em História). Programa de Pós-graduação em História Social da UFC, 2011.

_____. *Natureza, identidade, cultura e turismo: questões e tensões constitutivas do patrimônio cultural e natural no Geopark Araripe*. In: **II Seminário Nacional de História e Contemporaneidades**, Crato, 2015, p. 626-641.

WARREN, Dean. **A ferro e fogo. A história e a devastação da Mata Atlântica brasileira**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

Páginas da internet

<http://www.ibge.gov.br/>

<http://icccrato.blogspot.com.br/>

<http://www.ipece.ce.gov.br/>

A autora

Jane Semeão

Universidade Regional do Cariri (URCA)

Recebido em 10/2022 • Aprovado em 12/2022 • Publicado em 02/2023